

CARÊNCIA

Mais da metade da população do planeta sofre de anemia, das formas mais simples às mais graves. Levantamento feito no Distrito Federal mostra que 52,7% das crianças entre 0 e 2 anos têm a doença. O mal leva à apatia e baixo rendimento

Falta ferro à mesa

Daniela Guima
Da equipe do Correio

Fotos: Ronaldo de Oliveira

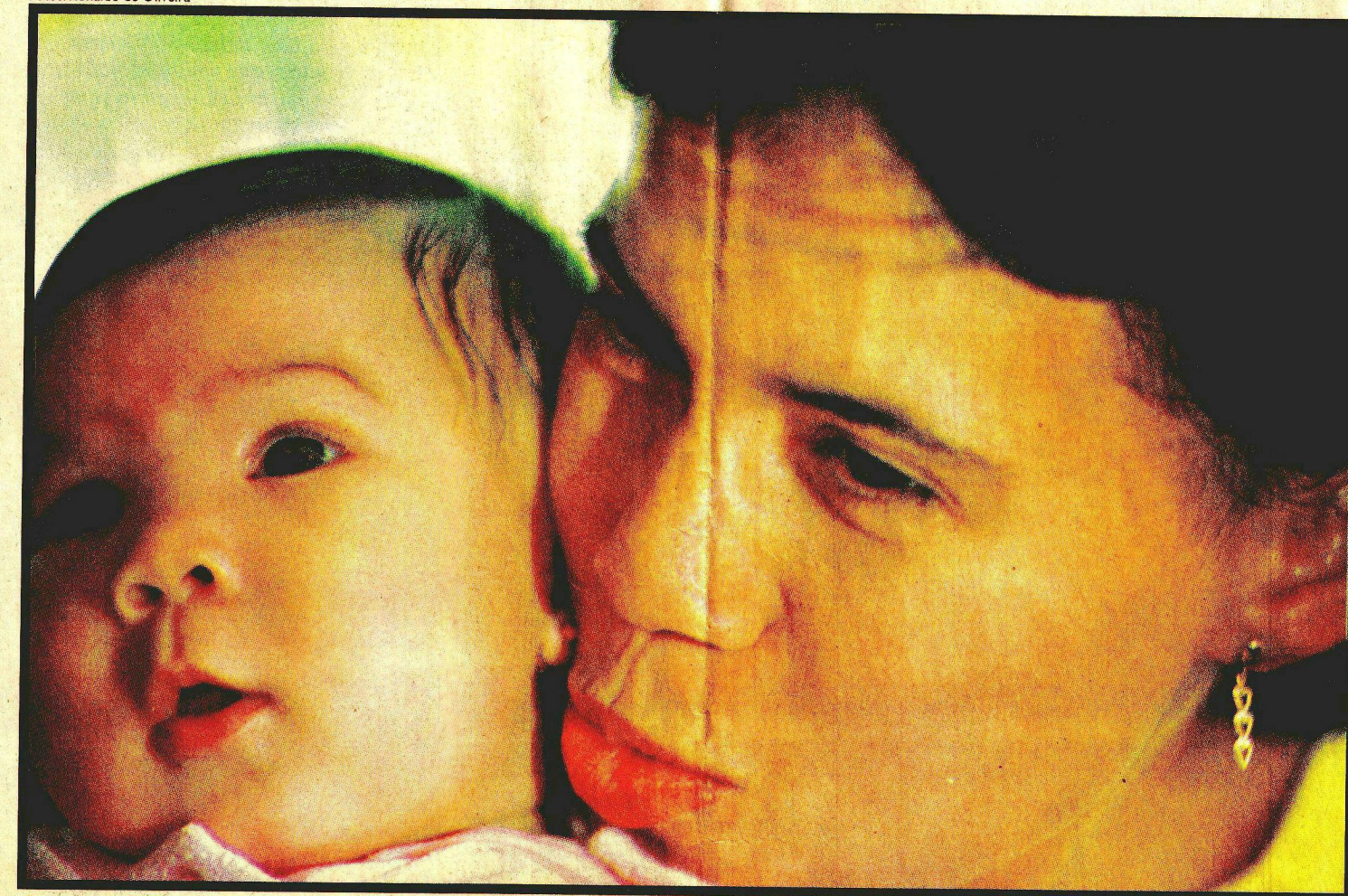
Por trás do apetite normal que faz barrigas roncarem, existe uma fome oculta. Ameaçadora, ela compromete a saúde de mais da metade da população do planeta. Sem deixar praticamente nenhum rastro, a anemia se instalou na sociedade e é responsável por uma geração de crianças, adolescentes e adultos apáticos, fracos e com rendimento na escola e no trabalho cada vez menor.

“É uma doença que não mata nem chama a atenção. Mas é perigosa e deletéria para o indivíduo e para o desenvolvimento social do país”, avisa a consultora de nutrição da Organização Pan-americana de Saúde (OPAS), Leonor Pacheco. Pesquisas comprovam a perda intelectual que ocorre em anêmicos. O Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) provou que bebês e crianças com anemia perdem nove pontos do Coeficiente de Inteligência (QI).

“A anemia cresce independente da classe social”, avalia a nutricionista do Núcleo de Pesquisa Epidemiológica em Nutrição e Saúde da Universidade de São Paulo, Renata Levy Costa. Ela participou de uma pesquisa liderada pelo professor Carlos Monteiro, entre 1995 e 1996, na cidade de São Paulo. Eles avaliaram amostras de sangue de 1.256 crianças de 0 a 5 anos de idade e constataram que 46,9% delas sofriam de anemia.

Assim como essa pesquisa, outras onze foram realizadas em diferentes estados brasileiros e mostraram que o mal não é exclusivo de regiões pobres, como o Nordeste. A prevalência encontrada em Porto Alegre (RS), por exemplo, foi de 47,8%. No Distrito Federal, pesquisa realizada em 1998 pela Secretaria de Saúde mostrou que 52,7% das crianças (entre 0 e 2 anos) avaliadas tinham anemia. Entre elas, outras 11,4% apresentavam a forma grave da doença.

“A pesquisa foi feita durante a vacinação e avaliou amostras de sangue de crianças aparente-



LÍLIAN TEVE UMA GRAVE CRISE DE ANEMIA DURANTE A GESTAÇÃO DA FILHA YANDRA. A CRIANÇA NASCEU SAUDÁVEL GRAÇAS AO TRATAMENTO COM FERRO

PESQUISAS BRASILEIRAS

Ainda não foi realizada uma pesquisa nacional no Brasil sobre a incidência da falta de ferro na população. Porém, alguns estudos isolados em estados revelam a face do problema. Conheça os resultados das principais pesquisas:

CIDADE	IDADE	AMOSTRA	PREVALÊNCIA DE ANEMIA
Porto Velho (RO)	2 a 5 anos (1990)	279	38,4%
Maceió (AL)	6 a 10 anos (2000)	454	25,4%
Sergipe	0 a 5 anos (1998)	720	31,4%
Pernambuco	0 a 5 anos (1997)	780	46,7%
Salvador (BA)	0 a 5 anos (1996)	606	46,4%
Paraíba	0 a 5 anos (1992)	1.287	36,4%
Piauí	mães 14-49 anos (1991)	809	26,2%
São Paulo (SP)	0 a 5 anos (1995/6)	1.256	46,9%
Porto Alegre (RS)	0 a 3 anos (1997)	557	47,8%
Criciúma (SC)	0 a 3 anos (1996)	476	54,0%

mente saudáveis”, diz a nutricionista da Gerência de Nutrição da SS/DF, Maria José Tancredi. Especialistas explicam que o diagnóstico é um dos grandes problemas da anemia. Normalmente

ela é descoberta por acaso, por meio de outros exames de saúde. “A forma mais segura de saber é pelo teste laboratorial que mostra a contagem de glóbulos vermelhos do sangue”, diz Leonor.

ATENÇÃO ÀS GESTANTES

Durante a gestação, a mulher tem a necessidade diária de ferro dobrada. Portanto é comum fazer tratamento de reposição desse mi-

neral durante a gravidez. “Caso contrário, os bebês nascem com baixo peso e têm maior probabilidade de desenvolver anemia nos dois primeiros anos de vida”, explica Tancredi. A falta de aleitamento materno até os seis meses também aumenta o risco de as crianças ficarem anêmicas.

Graças à reposição com o remédio sulfato ferroso, a menina Yandra, de apenas três meses, nasceu saudável e com peso normal. Sua mãe, a empregada doméstica Lilian Rocha, 20 anos, teve uma grave crise de anemia. Descobriu o problema durante o exame pré-natal dos três meses. “Vivia fraca, com moleza no corpo inteiro”, lembra Lilian. A moradora da Candangolândia fez tratamento até o nono mês e modificou toda a alimentação. “Caprichei no feijão, nas saladas e nos sucos com beterraba”, ensina. Funcionou. Yandra nasceu com quase quatro quilos.

PROVIDÊNCIAS

A alternativa que vários países encontraram para superar a deficiência de ferro na alimentação foi a de enriquecer certos produtos com o nutriente. A preferência é por produtos que são consumidos em larga escala no país. Nos Estados Unidos, por exemplo, a farinha de trigo é fortificada há mais de três décadas. Essa prática também é comum em países do Oriente Médio e da América Latina.

No Brasil, as soluções começam a ser pensadas apenas agora. “Precisávamos de um tempo para apresentar um argumento consolidado sobre a necessidade de fortificação nos alimentos”, justifica a gerente de Alimentos da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), Antônia Aquino. “Hoje sabemos que é um problema nutricional com grande prevalência no país.”

A Anvisa está em fase de conclusão do texto de uma resolução em que as indústrias e empresas produtoras das farinhas de trigo e milho passem a ser obrigadas a fortificar seus produtos com ferro e ácido fólico. Esse segundo, para nutrir gestantes e impedir que elas gerem fetos com malformação do tubo neural.

A consulta pública para avaliar essa resolução foi aberta em agosto do ano passado e as propostas foram avaliadas até novembro. Agora, está em fase de reuniões para discutir a melhor maneira de pôr a determinação em prática. “A indústria precisa desse tempo para se ajustar à exigência. Ainda não temos previsão do lançamento da resolução”, diz Antônia.

O Ministério da Saúde fará, ainda este ano, uma pesquisa nacional para medir a quantidade de vitamina A e ferro em 5 mil mulheres e outras 5 mil crianças. Trata-se da Pesquisa Nacional Demográfica sobre a Saúde da Mulher e da Criança, que será realizada em todos os estados brasileiros. “Com ela, poderemos comparar os resultados antes e depois da fortificação das farinhas”, prevê Leonor. Falta só começar a curar quem está doente agora.